## **ANTE A FORÇA DO BEM**

**M**uitos acreditam simplesmente na força e agem sob o domínio da imposição.

**A** força, no entanto, comanda apenas coisas e corpos, e tudo o que ela faça, em matéria de condução ou vivência, depende de mais força para continuar.

**N**o reino da alma somente o amor, fonte da vida, consegue estabelecer verdadeiro apoio ao equilíbrio e à governança.

**A** força não resolve um cálculo aritmético nem compõe leve trecho de melodia; entretanto, pelo amor ao estudo o homem prevê a movimentação das estrelas e pelo amor à arte produz a sinfonia que tange os sentimentos da multidão.

**E**m qualquer departamento da vida é necessário amar para entender e construir.

**S**e forçamos a posse disto ou daquilo, tão-somente reteremos a sombra ou a casca daquilo ou disto, porquanto, escoada a energia que mantém o processo de violência, perdemos de imediato o domínio da posição que intentamos assegurar.

**A** força tiraniza. **O** amor reina.

“**D**eus é caridade”, afirma o Evangelho. Consequentemente, Deus está no bem verdadeiro que é, mais propriamente, o bem de todos.

**A**uxiliando, compreendemos. **D**ando, possuímos.

**Q**uanto mais baixo nas esferas da Natureza, mais intensamente se mostra o bem da força, e quanto mais alto, nos planos do espírito, mais pura se revela a força do bem.

***Emmanuel*** Do livro: ***Benção de Paz.*** GEEM Psicografia: ***Francisco C. Xavier***

## **A BENEFICÊNCIA**

**11**. A beneficência, meus amigos, vos dará neste mundo os mais puros e os mais doces prazeres, as alegrias do coração que não são perturbadas nem pelo remorso, nem pela indiferença.

**O**h! se pudésseis compreender tudo quanto de belo e de doce a generosidade das boas almas encerra, esse sentimento que faz com que vejamos os outros como vemos a nós mesmos, e que tiremos o agasalho com alegria para cobrir um irmão! Pudésseis, meus amigos, ter apenas a doce preocupação de fazer os outros felizes! Quais são as festas do mundo que podereis comparar a essas festas radiosas quando, tornando-vos representantes da divindade, levais alegria a essas pobres famílias que, da vida, só conhecem as vicissitudes e as amarguras; quando vedes, de súbito, se iluminarem de esperança esses rostos desanimados, porque não tinham pão; esses infelizes cujos filhos pequenos, ignorando que viver é sofrer, gritavam, choravam e repetiam estas palavras, que se enterravam em seu coração materno como uma espada afiada: “Tenho fome!”... Oh! Compreendei quanto são deliciosas as impressões daquele que vê renascer a alegria onde, um momento antes, só havia desespero! Compreendei quais são as obrigações que tendes para com os vossos irmãos! Ide, ide ao encontro do infortúnio; ide, principalmente, em socorro das misérias escondidas, porque são as mais dolorosas. Ide, meus bem-amados, e lembrai-vos destas palavras do Salvador: “Quando vestirdes um destes pequenos, lembrai que é a mim que o fazeis”.

**C**aridade, palavra sublime que resume todas as virtudes, és tu que deves conduzir os povos à felicidade; ao te praticarem, eles criarão infinitas alegrias para o seu próprio futuro, e, durante o exílio desses povos na Terra, serás para eles a consolação, a antecipação das alegrias que gozarão mais tarde, quando todos juntos se abraçarem no seio do Deus de Amor. Foste tu, virtude divina, que me proporcionaste os únicos momentos de felicidade que desfrutei sobre a Terra. Que os meus irmãos encarnados possam acreditar na voz do amigo que lhes fala e lhes diz: é na caridade que deveis procurar a paz do coração, o contentamento da alma, o remédio contra as aflições da vida. (...) (Adolpho, bispo de Alger. Bordeaux, 1861.)

**12**. Sede bons e caridosos, essa é a chave dos céus, que tendes em vossas mãos. Toda a felicidade eterna se encerra nestas palavras: “Amai-vos uns aos outros”. A alma só pode elevar-se nas regiões espirituais pelo devotamento ao próximo; e só encontra felicidade e consolação no exercício da caridade; sede bons, amparai vossos irmãos, deixai de lado a horrível chaga do egoísmo. Cumprindo esse dever, o caminho da felicidade eterna deve abrir-se para vós. Aliás, quem dentre vós não sentiu seu coração saltar, sua alegria interior aumentar ao ouvir o relato de uma bela ação, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se procurásseis apenas o prazer que uma boa ação proporciona, ficaríeis sempre no caminho do progresso espiritual. Os exemplos não vos faltam, o que falta é a boa vontade, que é rara. Observai a multidão de homens de bem, dos quais a vossa história conserva piedosas lembranças. (...)

**A** caridade é a virtude fundamental que deve sustentar todo o edifício das virtudes terrestres; sem ela, as outras virtudes não existem. Sem a caridade, não há esperança em uma sorte melhor, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade, não há fé, porque a fé é um raio de luz, que faz uma alma caridosa brilhar.

**E**m todos os mundos, a caridade é a âncora eterna da salvação; é a mais pura emanação do Criador, é a sua própria virtude, que ele dá à criatura. Como se poderia desconhecer esta suprema bondade? Qual seria o coração, conhecedor dessa verdade, bastante perverso para sufocar e expulsar esse sentimento tão divino? Qual seria o filho bastante mau para se revoltar contra esta doce carícia: a caridade? (...)

**H**omens de bem, de boa e forte vontade, uni-vos para continuar generosamente a obra de propagação da caridade; encontrareis a recompensa dessa virtude no seu próprio exercício. Não há alegria espiritual que ela não proporcione desde a vida presente. Ficai unidos; amai-vos uns aos outros segundo os preceitos do Cristo. Assim seja. (São Vicente de Paulo. Paris, 1858.)

**13**. Chamo-me Caridade, sou a rota principal que conduz a Deus, segui-me, porque sou o objetivo a que todos deveis visar.

**F**iz esta manhã o meu passeio habitual, e, com o coração magoado, venho dizer-vos: Oh!, meus amigos, quanta miséria, quantas lágrimas, e quanto tendes que fazer para secar todas elas! Tenho procurado, inutilmente, consolar as pobres mães, dizendo-lhes ao ouvido: “Coragem! Há bons corações que velam por vós; não sereis abandonadas; paciência! Deus existe, vós sois suas amadas, as suas eleitas”. Elas pareciam me ouvir e voltavam para o meu lado seus grandes olhos assustados. Eu lia em seus pobres semblantes que o corpo, esse tirano do espírito, tinha fome, e que, se minhas palavras serenavam um pouco o seu coração, elas não lhe enchiam o estômago. Eu ainda repetia: “Coragem! Coragem”! Então uma pobre mãe, muito jovem, que amamentava uma criancinha, tomou-a em seus braços e a ergueu no espaço vazio, como a me suplicar que protegesse aquele pequeno ser, que só recebia de um seio estéril uma alimentação insuficiente.

**M**ais adiante, meus amigos, vi pobres velhos sem trabalho, e em breve sem abrigo, atormentados por todos os sofrimentos da pobreza e envergonhados da sua miséria, não se atreverem, eles que nunca haviam pedido esmolas, a ir implorar a piedade dos transeuntes.

**C**om o coração tomado pela compaixão, eu, que nada possuo, me fiz mendiga para eles, e vou a todos os lados estimular a beneficência, inspirar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos. Eis por que venho a vós, meus amigos, e digo: existem infelizes em cujo prato falta o pão, o fogão não tem fogo e o leito não tem cobertas. Não digo o que deveis fazer, deixo a iniciativa para os vossos bons corações; se eu vos ditasse a vossa linha de conduta não teríeis o mérito da vossa boa ação. Eu apenas vos digo: sou a Caridade, e vos estendo as mãos pelos vossos irmãos sofredores.

**M**as, se peço, também dou, e muito. Eu vos convido para um grande banquete, e vos forneço a árvore onde todos vos saciareis! Vede como é bela, como está carregada de flores e de frutos! Ide, ide, colhei, pegai todos os frutos dessa bela árvore que se chama beneficência. No lugar dos ramos que tirardes, colocarei todas as boas ações que praticardes, e levarei essa árvore a Deus, para que ele a carregue novamente, porque a beneficência é inesgotável. Segui-me, pois, meus amigos, para que eu possa vos incluir entre aqueles que se alistam sob a minha bandeira. Não tenham receio, eu vos conduzirei pela estrada da salvação, porque eu sou a Caridade. (Cárita, martirizada em Roma. Lyon, 1861.)

**14**. Existem várias formas de fazer a caridade, que muitos dentre vós confundem com a esmola, no entanto, entre elas há uma grande diferença.

**A** esmola, meus amigos, algumas vezes é útil porque alivia os pobres; mas quase sempre é humilhante, para quem a dá e para quem a recebe. A caridade, ao contrário, une o benfeitor ao beneficiado e, além disso, ela se disfarça de muitas maneiras. Pode-se ser caridoso mesmo com os parentes, com os amigos, sendo indulgentes uns com os outros, perdoando as suas fraquezas e tendo o cuidado de não ferir o amor-próprio de ninguém. Para vós, espíritas, na forma como tratais aqueles que não pensam como vós, induzindo os menos esclarecidos a crer, e isso sem os melindrar, sem romper com as suas convicções, mas levando-os amavelmente às nossas reuniões onde poderão nos entender, e onde saberemos encontrar a brecha por onde poderemos penetrar em seus corações. Eis aí uma das faces da caridade. (...) (Cárita. Lyon, 1861.)

**15**. Meus caros amigos, todos os dias ouço entre vós dizerem: “Sou pobre, não posso fazer a caridade”, e todos os dias vejo que faltais com a indulgência aos vossos semelhantes. Nada lhes perdoais e vos arvorais em juízes muitas vezes severos, sem quererdes saber se ficaríeis satisfeitos que do mesmo modo procedessem convosco. Não é também caridade a indulgência? Vós, que apenas podeis fazer a caridade praticando a indulgência, fazei-a assim, mas fazei-a largamente. Pelo que toca à caridade material, vou contar-vos uma história do outro mundo.

**D**ois homens acabavam de morrer. Dissera Deus: Enquanto esses dois homens viverem, deitar-se-ão em sacos diferentes as boas ações de cada um deles, para que por ocasião de sua morte sejam pesadas. Quando ambos chegaram aos últimos momentos, mandou Deus que lhe trouxessem os dois sacos. Um estava cheio, volumoso, atochado, e nele ressoava o metal que o enchia; o outro era pequenino e tão vazio que se podiam contar as moedas que continha. Este o meu, disse um, reconheço-o; fui rico e dei muito. Este o meu, disse o outro, sempre fui pobre, oh! quase nada tinha para repartir. Mas, oh! surpresa! postos na balança os dois sacos, o mais volumoso se revelou leve, mostrando-se pesado o outro, tanto que fez se elevasse muito o primeiro no prato da balança. Deus, então, disse ao rico: deste muito, é certo, mas deste por ostentação e para que o teu nome figurasse em todos os templos do orgulho e, ao demais, dando, de nada te privaste. Vai para a esquerda e fica satisfeito com o te serem as tuas esmolas, contadas por qualquer coisa. Depois, disse ao pobre: Tu deste pouco, meu amigo; mas, cada uma das moedas que estão nesta balança representa uma privação que te impuseste; não deste esmolas, entretanto, praticaste a caridade, e, o que vale muito mais, fizeste a caridade naturalmente, sem cogitar de que te fosse levada em conta; foste indulgente; não te constituíste juiz do teu semelhante; ao contrário, todas as suas ações lhe relevaste: passa à direita e vai receber a tua recompensa. — (UM ESPÍRITO PROTETOR. Lyon, 1861.)

**16**. A mulher rica, feliz, que não tem necessidade de empregar o seu tempo nas tarefas domésticas, não pode consagrar algumas horas em trabalhos úteis aos seus semelhantes? Que ela compre, com o supérfluo dos seus prazeres, roupas que agasalhem os infelizes que tremem de frio. Que faça, com suas mãos delicadas, roupas grosseiras, porém, quentes. Que ajude a mãe a cobrir o filho que vai nascer; se, com isso, seu próprio filho ficar com algumas rendas a menos, o da pobre terá mais calor. Trabalhar pelos pobres é trabalhar na vinha do Senhor.

**E** tu, pobre obreira, que nada tens de supérfluo, mas que, por amor aos teus irmãos, também desejas dar do pouco que possuis, doa algumas horas do teu dia, do teu tempo, o teu único tesouro. Faz alguns trabalhos elegantes que tentam os felizes, vende o produto desses teus serões e poderás proporcionar um pouco de auxílio aos teus irmãos, terás algumas fitas de menos, mas darás sapatos àqueles que têm os pés nus. (...)

**E** todos vós, que podeis produzir, dai; dai o vosso talento, dai as vossas inspirações, dai o vosso coração, que Deus vos abençoará. Poetas, literatos, cujas obras são lidas somente por pessoas da sociedade, satisfazei seus momentos de lazer, mas que o produto de algumas de vossas vendas seja consagrado para auxílio aos infelizes. Pintores, escultores, artistas em todos os gêneros, que a vossa inteligência também venha em auxílio dos vossos irmãos, por isso não tereis menos glória, mas eles terão alguns sofrimentos a menos.

**T**odos vós podeis ser bondosos; em qualquer classe social a que pertençais, sempre tereis alguma coisa que possa ser partilhada. Seja o que for que Deus vos tenha dado, deveis uma parte do que ele vos deu àquele que precisa do necessário, porque se estivésseis no lugar dele ficaríeis bem contentes que alguém dividisse convosco. Vossos tesouros da Terra serão um pouco menores, mas vossos tesouros no céu serão mais numerosos; lá colhereis centuplicados os benefícios que semeardes aqui na Terra. (João. Bordeaux, 1861.)